

Jornalismo de Dados e Colonialidades na cobertura da Covid-19 entre povos indígenas de Mato Grosso¹

Mikhail Barros e FAVALESSA²

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Este trabalho analisa a cobertura dos sites Olhar Direto e Midianews, de Cuiabá (MT), com uso de dados da pandemia de Covid-19 em relação às populações indígenas entre janeiro e junho de 2021. As observações apuradas fazem parte de uma dissertação sobre a cobertura da pandemia de Covid-19 com o uso de bases de dados em Cuiabá, sob o enquadramento do paradigma do Jornalismo Digital em Base de Dados (BARBOSA; TORRES, 2013). A partir da visada proposta por Quijano (1992), das questões levantadas por Ballestrin (2013) e Ricaurte (2019), este texto observa, analisa e discute a questão do colonialismo, ou das colonialidades, e sua vertente de dados no jornalismo digital local com o enquadramento do paradigma do JDBD, conforme caracterizado também por Bertocchi (2016), na cobertura (ou na falta dela) da incidência da pandemia de Covid-19 entre as populações e povos indígenas de Mato Grosso. Quijano (1992) argumenta que o colonialismo se dá por seus aspectos políticos, culturais e sociais de dominação e, ainda que de maneira mais formal no campo político, pode ter se encerrado desde os movimentos de libertação na América Latina, mas a relação entre a cultura europeia ou ocidental segue sendo de dominação colonial. Segundo Cusicanqui (2018), o colonialismo se reproduz diariamente em suas opressões e silenciamentos. Trata-se de uma colonização de outras culturas e do imaginário dos dominados em subordinação àquela do Norte global, uma dominação do conhecimento e das formas de expressão. Em parte, um acesso limitado é concedido como forma de sedução do poder para o “desenvolvimento”, para a conquista da natureza. Vale explicar que o Jornalismo de Dados é aquele produzido em meio à ampliação das possibilidades de emprego das bases de dados em uma elaboração, e que tem essas bases de dados como definidoras da estrutura e da organização, além da composição e da apresentação dos conteúdos de natureza jornalística, “de acordo com funcionalidades e categorias específicas, que também vão permitir a criação, a manutenção, a atualização, a

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 9 a 11 de junho de 2022.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder (PPGCOM) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), email: mikhailfavalessa@gmail.com

disponibilização, a publicação e a circulação de cibermeios dinâmicos em multipla-taformas” (BARBOSA; TORRES, 2013, p.154). Sob a perspectiva de colonialidades, o JDBD e o acesso a determinadas tecnologias podem ser vistos como esse acesso aqui escudo. Partimos da ideia inicial de que colonialidades e seus diferentes aspectos podem ser vistos em, ao menos, três momentos diferentes da produção e da circulação de notícias. Em um primeiro momento, seus elementos formadores, em especial de raça ou cor, gênero, orientação sexual e identidade de modo geral, podem ser identificados na própria estrutura de produção do jornalismo, com acionamento na seleção dos critérios de noticiabilidade e outras partes do processo de apuração, reportagem, edição e publicação - nas rotinas produtivas do jornalismo. Em segundo, as marcas de colonialidades também podem ser observadas nas próprias bases de dados utilizadas pelo JDBD para elaboração de conteúdos, em especial reportagens. São bases digitais e, como tal, marcadas por seus aspectos sociomateriais (WAJCMAN, 2014) do contexto de produção e criação dos dados. Em um terceiro momento, aspectos de colonialidades podem ainda ser vistos na publicação e na circulação dos produtos jornalísticos por meio de sites e também em plataformas regidas por algoritmos que reforçam ou silenciam determinados conteúdos, a depender de decisões das empresas donas desses respectivos espaços de circulação online. Para este trabalho o foco está em especial na segunda e na terceira etapas mencionadas, para observar indícios das bases de dados utilizadas e da publicação (ou não) de reportagens com uso delas, dando indícios do primeiro momento na seleção de pautas. Ricaurte (2019) aponta que a perspectiva de comunidades indígenas não costuma ser considerada nos debates sobre agendas digitais. No contexto de intensa extração de dados (datificação), a inclusão significaria conectar aqueles que ainda estão fora desse escopo. Ela alerta que “as consequências da coleta de dados e a participação de grupos marginalizados na economia digital ainda não foram avaliadas” (RICAURTE, 2019, p. 8) e aponta que, em muitos casos, há um processo de recolonização por meio da dataficação e de políticas públicas para implementação de programas de literacia digital ou políticas de “cidadania digital” (ibidem). Neste trabalho, foram buscadas notícias envolvendo Covid-19 e povos indígenas nos dois veículos noticiosos de maior audiência em Mato Grosso, utilizando a ferramenta do Google e as buscas próprias dos sites. Os dados da pandemia de Covid-19 presentes nas coberturas de veículos de todo país derivam, basicamente, daqueles divulgados em diversos formatos pelas Secretarias de Estado de Saúde (SES) e compilados pelo Ministério da Saúde. Os formatos passaram por modificações durante a pandemia, desde a mera divulgação em notícias a dados agregados em

arquivos PDF, até microdados em formatos abertos, e a confiabilidade foi questionada em diversos momentos. Em relação aos povos indígenas, além dos dados das SES, a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) passou a publicar dados por conta própria no portal Emergência Indígena³ frente à subnotificação dos dados governamentais. As notícias encontradas passaram por uma análise feita a partir do protocolo de Análise de Cobertura Jornalística (ACJ) proposto por Silva e Maia (2011) para identificar: no primeiro nível, marcas de apuração que indicassem o uso de bases de dados; no segundo nível, indicativos sobre o tipo de material produzido e os recursos - em especial de visualização de dados presentes ou não; e, no terceiro nível, para identificação do contexto externo, que é a pandemia. Em 17/04/2022, quando as buscas pelas notícias foram feitas, apenas o Midianews tinha a função de busca dentro do próprio site em funcionamento. No caso do Olhar Direto, a ferramenta aparecia no layout, no canto direito da barra superior, mas estava inoperante. No Olhar Direto, a busca pelas palavras "covid" e "indígenas", combinadas, encontrou 17 resultados no Google. Desses resultados, havia um documento em PDF do Informe Epidemiológico da Covid-19 produzido pela Secretaria de Estado de Saúde (SES-MT) em 13 de março de 2021 e material noticioso sobre projeto de lei pedindo prioridade para a vacinação dos indígenas, assim como a morte de Bepró Metuktire, o "Chefe", neto do cacique Raoni Metuktire, da etnia Caiapó, dentre outros assuntos. Nenhuma dessas estava enquadrada no uso de bases de dados da pandemia. Outras duas estavam e duas matérias que utilizavam dados da pandemia entre os indígenas aparecem de forma não direta no resultado da busca, linkadas dentro das matérias retornadas pelo Google no espaço "Leia também", utilizado como recurso do veículo para agregar links de outras matérias do próprio site. Foram elas: "Covid-19 matou 159 indígenas em Mato Grosso desde o início da pandemia" e "Mato Grosso é o segundo estado com mais mortes de indígenas por Covid-19". A busca por "vacina" e "indígenas" retornou cinco resultados, sendo que todos eles haviam aparecido na busca descrita anteriormente. No Midianews, nenhuma matéria com uso de dados da pandemia relativos aos povos indígenas foi encontrada no período. Ao todo, apenas quatro matérias com uso de dados sobre a incidência da pandemia entre os povos indígenas de Mato Grosso foram encontradas nos dois veículos. Dessas, três utilizavam dados da APIB sobre a ocorrência de mortes entre os povos indígenas de Mato Grosso, com indicativo de consulta direta à fonte utilizada, e outra que, pelo protocolo, pode ser considerada como fonte de segunda mão, vinda de outro veículo jornalístico. Sobre a não indexação das duas matérias do

³ Sobre. Emergência Indígena, 2020. Disponível em: <<http://emergenciaindigena.apiboficial.org/>>. Acesso em: 19/04/2022

Olhar Direto diretamente pelo Google, podem ser observadas sob dois ângulos diferentes que se complementam. Em geral, os sites noticiosos de Cuiabá, e veículos de comunicação de modo mais amplo, têm dificuldade na otimização da estrutura HTML das páginas de modo a interconectar suas plataformas de publicação com o mecanismo de busca do Google e de outras plataformas. A relação entre veículos e plataformas é tida como conflituosa e de disputa por poder, conforme mostram Jurno e D'Andrea (2020). Por outro lado, a busca do Google também tende a lidar de modo problemático com resultados envolvendo comunidades e grupos marginalizados, como descrito e analisado de maneira extensiva por Noble (2018). Ao falar sobre a questão dos registros online envolvendo identidade, controle e limites do conhecimento legítimo, a autora argumenta que visibilidade é poder. O argumento de Noble é interessante para pensarmos a questão da (in)visibilidade dos indígenas na cobertura online de dados da pandemia nos dois sites de notícias observados e também nas buscas. Ela aponta que as experiências coletivas, direitos e representações de grupos e comunidades racialmente minorizadas - nos Estados Unidos e em todo o mundo - não possuem proteção suficiente online. Resultados de buscas são registros e, como tal, são campo de batalha sobre identidade, controle e limites do conhecimento legítimo. A visibilidade é poder nesse contexto e, a falta dela, argumentamos, é ausência ou redução desse mesmo poder, seja nas buscas, seja na atenção dada pela cobertura jornalística. A crise sanitária leva a questionar os sentidos atribuídos às “vítimas da Covid” pelos veículos, à concepção de humanidade calcada na branquitude e no apagamento/homogeneização de comunidades racializadas, a quem é direcionado o direito à saúde e à representação midiática.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo de dados; pandemia; colonialidades; indígenas.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista brasileira de ciência política**, n. 11, p. 89-117, 2013.

BARBOSA, Suzana Oliveira; TORRES, Vitor. O paradigma 'Jornalismo Digital em Base de Dados': modos de narrar, formatos e visualização para conteúdos. **Galáxia**, São Paulo, v. 13, p. 152-164, 2013.

BERTOCCHI, Daniela. **Dos dados aos formatos: a construção de narrativas no jornalismo digital**. Curitiba: Appris Editora, 2016.



CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Un mundo ch'ixi es posible**: ensayos desde un presente en crisis. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

JURNO, Amanda Chevtchouk; DE BRITO D'ANDRÉA, Carlos Frederico. Facebook e a plataforma do jornalismo: um olhar para os Instant Articles. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 22, n. 1, p. 179-196, 2020.

NOBLE, Safiya Umoja. **Algorithms of Oppression**. New York: New York University Press, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú indígena**, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.

RICAURTE, Paola. Data epistemologies, the coloniality of power, and resistance. **Television & New Media**, v. 20, n. 4, p. 350-365, 2019.

SILVA, Gislene; MAIA, Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Rumores**, v. 5, n. 10, p. 18-36, 2011.

WAJCMAN, Judy. **Pressed for Time**. Chicago: University of Chicago Press, 2014.